

Recontando a História

MILTON M. AZEVEDO

**Abre as asas sobre nós –
A Inconfidência Mineira**

Leitor crítico – 6º a 9º anos do Ensino Fundamental

PROJETO DE LEITURA

Elaboração: João Priolli
Coordenação: Maria José Nóbrega

Árvores e tempo de leitura

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*O que é, o que é,
Uma árvore bem frondosa
Doze galhos, simplesmente
Cada galho, trinta frutas
Com vinte e quatro sementes?*¹

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: “trouxeste a chave?”.

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traíçoeira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpecenos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam *coisas futuras*.

“Decifra-me ou te devoro.”

Qual a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore — a árvore do tempo — e contemplemos outras árvores:

Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. (...) E Deus deu ao homem este mandamento: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer”.²

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano...

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço movediço, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para uma determinada situação constituem um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das rela-

ções interpessoais e, progressivamente, como resultado de uma série de experiências, se transforma em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais — em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas — é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

¹ In *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

² *A Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.

DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Procuramos contextualizar o autor e sua obra no panorama da literatura brasileira para jovens e adultos.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa avaliar a pertinência da adoção, levando em conta as possibilidades e necessidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Apontamos alguns aspectos da obra, considerando as características do gênero a que

pertence, analisando a temática, a perspectiva com que é abordada, sua organização estrutural e certos recursos expressivos empregados pelo autor.

Com esses elementos, o professor irá identificar os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento que poderão ser abordados, os temas que poderão ser discutidos e os recursos linguísticos que poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora dos alunos.

QUADRO-SÍNTESE

O quadro-síntese permite uma visualização rápida de alguns dados a respeito da obra e de seu tratamento didático: a indicação do gênero, das palavras-chave, das áreas e temas transversais envolvidos nas atividades propostas; sugestão de leitor presumido para a obra em questão.

Gênero:
Palavras-chave:
Áreas envolvidas:
Temas transversais:
Público-alvo:

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Os sentidos que atribuímos ao que se lê dependem, e muito, de nossas experiências anteriores em relação à temática explorada pelo texto, bem como de nossa familiaridade com a prática leitora. As atividades sugeridas neste item favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão e interpretação do escrito.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.
- Antecipação de conteúdos tratados no texto a partir da observação de indicadores como título da obra ou dos capítulos, capa, ilustração, informações presentes na quarta capa etc.
- Explicitação dos conteúdos da obra a partir dos indicadores observados.

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos sentidos do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.
- Apreciação de recursos expressivos empregados pelo autor.

c) depois da leitura

São propostas atividades para permitir melhor compreensão e interpretação da obra, indicando, quando for o caso, a pesquisa de assuntos relacionados aos conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como a reflexão a respeito de temas que permitam a inserção do aluno no debate de questões contemporâneas.

◆ *nas tramas do texto*

- Compreensão global do texto a partir de reprodução oral ou escrita do que foi lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- Apreciação dos recursos expressivos empregados na obra.
- Identificação e avaliação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Discussão de diferentes pontos de vista e opiniões diante de questões polêmicas.
- Produção de outros textos verbais ou ainda de trabalhos que contemplem as diferentes linguagens artísticas: teatro, música, artes plásticas etc.

◆ *nas telas do cinema*

- Indicação de filmes, disponíveis em DVD, que tenham alguma articulação com a obra analisada, tanto em relação à temática como à estrutura composicional.

◆ *nas ondas do som*

- Indicação de obras musicais que tenham alguma relação com a temática ou estrutura da obra analisada.

◆ *nos enredos do real*

- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar.

DICAS DE LEITURA

Sugestões de outros livros relacionados de alguma maneira ao que está sendo lido, estimulando o desejo de enredar-se nas veredas literárias e ler mais:

- ▶ do mesmo autor;
- ▶ sobre o mesmo assunto e gênero;
- ▶ leitura de desafio.

Indicação de título que se imagina além do grau de autonomia do leitor virtual da obra analisada, com a finalidade de ampliar o horizonte de expectativas do aluno-leitor, encaminhando-o para a literatura adulta.

MILTON M. AZEVEDO

Abre as asas sobre nós – A Inconfidência Mineira

Leitor crítico – 6º a 9º anos do Ensino Fundamental

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Milton M. Azevedo é professor da Universidade da Califórnia, Berkeley, onde leciona matérias de linguística hispânica e linguística literária no Departamento de Espanhol e Português. Mineiro de Ouro Fino, é também escritor de livros infantojuvenis com temáticas que misturam História, aventura, suspense. De seu trabalho acadêmico, destaca-se a obra *Vozes em branco e preto: a representação literária da fala não padrão e uma série de estudos sobre linguística e literatura*, a maior parte publicada em língua inglesa. Para o público infantojuvenil, escreveu em parceria com Álvaro Cardoso Gomes as obras *A colina sagrada* e *A cidade perdida*.

RESENHA

Abre as asas sobre nós – A Inconfidência Mineira conta a história da Inconfidência Mineira a partir do ponto de vista de um inesperado personagem – André-Luís Santerre – um jovem pobre, mas muito astuto, que acaba se aproximando não se sabe bem se por coincidência, sorte ou por seu próprio talento, a um dos principais articuladores dessa importante conspiração. André-Luís Santerre transporta-nos para bem perto das salas de chá, bibliotecas e conversas sigilosas que tramavam o fim do controle português sobre a região da Vila Rica e das Minas Gerais do século XVIII. Como se fôssemos verdadeiras testemunhas da História,

acompanhamos os planos e os sonhos de personagens reais que desejavam uma revolução contra a Coroa Portuguesa.

O rigoroso trabalho de descrição e pesquisa de Milton M. Azevedo presenteia-nos com uma narrativa muito rica que abre muitas possibilidades para o trabalho em sala de aula. Por meio dos diferentes personagens dessa trama, podemos visualizar a sociedade mineradora do século XVIII e suas grandes diferenças sociais e políticas:

- o contrabando de ouro e diamantes e a situação de pobreza em que vivia a maioria da população das Minas Gerais;
- os regimentos dos Dragões e as diversas estratégias de controle da produção de ouro e sua crise em fins do século XVIII;
- as leituras que inspiravam poetas e religiosos desse tempo, semeando as perigosas ideias da república, independência e revolução social.

Esses são alguns exemplos dos temas que dão sustentação ao roteiro de aventura e suspense que encontramos nesta obra.

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: novela histórica.

Palavras-chave: Inconfidência Mineira, independência, sociedade mineradora.

Áreas envolvidas: História, Língua Portuguesa, Geografia, Arte.

Tema transversal: Pluralidade Cultural.

Público-alvo: Leitor crítico (6^o a 9^o anos do Ensino Fundamental).

SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

1. O principal objetivo da Inconfidência Mineira era estabelecer uma nova forma de governo na Capitania das Minas Gerais. Discuta com os alunos o que é uma República e a origem desse sistema político durante o século XVIII. Compare a ideia de República moderna à Monarquia Absolutista, sistema político do Império Português na época retratada de nossa História.

2. A independência das treze colônias inglesas e a formação dos Estados Unidos da América foram uma grande inspiração para os inconfidentes mineiros. Sugira que os alunos façam uma pesquisa sobre os principais eventos que levaram a guerra de independência e seus desdobramentos até a independência.

3. Resgate com a turma a formação da sociedade mineradora em Minas Gerais do século XVIII, destacando sua diversidade social e as novas possibilidades de trabalho e ascensão para homens pobres, negros forros e aventureiros com a febre do ouro. Proponha aos alunos que representem essa divisão de grupos sociais em pirâmides. Destaque também o caráter urbano da sociedade mineradora, uma distinção importante entre a sociedade agrária e colonial do nordeste açucareiro, por exemplo.

4. Com ajuda de um dicionário, sugira que os alunos procurem os significados dos termos “conjurar” e “inconfidente”. Explique como esses termos se relacionam ao contexto da conspiração mineira. Se achar oportuno, resgate também o exemplo de outras revoltas coloniais como o episódio da Revolta de Felipe dos Santos, ocorrida em Ouro Preto, em 1720.

b) durante a leitura

1. Explique à turma que o personagem principal da trama, André-Luís, é um homem muito trabalhador e cheio de talentos. Porém, a pobreza o obrigou a sobreviver às custas do contrabando de diamantes, atividade que, além de ilegal, era muito perigosa. Mas sua vida se transforma quando é surpreendido pelas tropas do alferes Joaquim José, o Tiradentes. Peça aos alunos que prestem atenção aos exemplos de vida dos dois personagens, buscando compreender por que o contrabando era largamente praticado no período do ouro. Posteriormente, comente com os alunos as diversas estratégias da Coroa Portuguesa para coibir essa prática ilegal. E ainda, explore as dificuldades enfrentadas por esses dois personagens de origem humilde numa sociedade marcada por extrema riqueza e pobreza, como era a sociedade mineira do século XVIII.

2. Antecipe aos alunos que vão encontrar muitas citações da obra *Cartas Chilenas*, poesia satírica de Thomaz Antonio Gonzaga, texto produzido no período da Inconfidência. O texto de Gonzaga permaneceu não apenas por seu valor literário, mas como documento histórico e relato da situação política e social das Minas Gerais de seu tempo. Leia um trecho de Gonzaga com a turma, destacando como oferece uma crítica à administração portuguesa e expõe a crise da produção de ouro do final do século XVIII:

*Indigno, indigno chefe! Tu não buscas
O público interesse. Tu só queres
Mostrar ao sábio augusto um falso zelo,
Poupando, ao mesmo tempo, os devedores,
Os grossos devedores, que repartem
Contigo os cabedais, que são do reino.
Talvez, meu Doroteu, talvez que entendas
Que o nosso Fanfarrão estima e preza
Os rendeiros que devem, por sistema
Só para ver os ricos desta terra,
A força de favores animados,
Se esforçam a lançar nas régias rendas.
Amigo Doroteu, o nosso chefe,
Se faz alguma coisa, é só movido
Da loucura, ou do sórdido interesse.*

3. O protagonista da história, André-Luís, conheceu o cônego e inconfidente Luís Viera da Silva ainda jovem no seminário. Foi esse contato, além do fato de saber ler e escrever em uma sociedade na qual poucos eram alfabetizados, que fez com que o religioso o contratasse para trabalhar em sua biblioteca. Discuta com a turma as dificuldades de acesso à leitura em uma sociedade como a de Minas Gerais do final do século XVIII e o valor social atribuído aos homens de letras em oposição aos trabalhadores manuais.

4. No capítulo 7, André-Luís tem uma conversa com o Alferes Joaquim José em que este lhe pede para traduzir do francês um trecho do livro do filósofo francês Diderot: *Nenhum homem recebeu da natureza o direito de comandar os outros. A liberdade é um presente do céu, e cada indivíduo da mesma espécie tem o direito*

de desfrutá-la assim que ele desfruta da razão. Resgate com os alunos por que os pensadores e os filósofos franceses eram referências para alguns dos conspiradores mineiros. Aproveite também para comentar sobre a censura que a Igreja fazia a diversos desses textos condenados pelo *Index* da Santa Inquisição.

5. Convide os alunos a prestar atenção ao modo incomum com que André-Luís se envolve com a conspiração mineira. Sempre acompanhando o Cônego Luís Vieira, ouvia muitas das conversas e ideias que incriminaram os conspiradores. Mas André-Luís não pôde deixar de notar que a Inconfidência era uma rebelião planejada por figuras da elite da sociedade mineradora. Explore a confusão entre os motivos pessoais dos cabeças da rebelião e seus ideais políticos.

6. Discuta com os alunos o fim dado aos Inconfidentes. Como a coroa conduziu as prisões, confissões e o processo da Devassa da Inconfidência. Problematize com os alunos os diferentes tipos de penas estabelecidos para cada integrante da conspiração. Do confisco de bens e degredo à forca e o esquartejamento de Tiradentes.

c) depois da leitura

1. Faça um levantamento com a turma sobre a mineração nos dias de hoje. Procure estabelecer diferenças com a atividade durante o século XVIII. Aproveite para destacar os impactos ambientais e sociais que essa atividade tem em Minas Gerais ou em outras regiões pesquisadas pelo grupo.

2. Discuta com a turma o esgotamento do ouro na região de Ouro Preto e procure levantar onde estão hoje os principais garimpos de ouro. Faça comparações entre as condições de trabalho dessas minas e a vida dos escravos em Minas Gerais durante o ciclo do ouro.

3. Questione a turma sobre a memória que hoje temos de Tiradentes, explicando como ele se tornou um herói nacional com o advento da República. Cite como exemplo as diversas representações idealizadas de sua figura, retratada como os traços de um "Cristo" em diversos lugares como nas moedas de cinco centavos ou na famosa pintura de Pedro Américo, *Tiradentes supliciado* de 1893.

Referências: (<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/11/1544763-pinacoteca-expoe-pintura-historica-de-tiradentes-esquartejado.shtml> e <http://www.ufjf.br/labhistoriadaarte/projetos/museu-mariano-procopio-historico-e-acervo/>)

4. Proponha aos alunos uma pesquisa sobre o barroco mineiro a partir de nomes como Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho e Mestre Ataíde. Discuta com a turma a construção de um estilo artístico e arquitetônico característico do século XVIII e da sociedade mineradora. Explore como essas obras representaram a riqueza e a importância do ouro, além de se constituírem como um espaço para o florescimento de artistas mestiços.

5. Promova com a turma um levantamento de imagens sobre a arquitetura colonial nas cidades do ouro. A partir das fachadas de igrejas e do casario colonial, discuta como a sociedade mineradora criou estilos que são hoje reconhecidos como parte fundamental de nosso patrimônio artístico e histórico. Use como palavras-chave em suas buscas: Igreja de São Francisco de Assis de Ouro Preto; Igreja Matriz de Santo Antônio, em Tiradentes; Igreja de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto; Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Tiradentes; Igreja de São Pedro dos Clérigos e a Catedral de Mariana; o Pelourinho e Casa de Câmara e Cadeia de Mariana; o Chafariz de São José de Botas em Tiradentes; o Palácio do Governador em Ouro Preto.

6. Aproveitando as referências à obra *Cartas Chilenas*, de Thomaz Antonio Gonzaga, discuta com

a turma o que é uma sátira e como pode ser usada para fazer críticas mais ou menos veladas, de acordo com a situação. Sugira que a turma produza uma crítica satírica a partir de uma notícia de jornal ou de um assunto de seu cotidiano.

DICAS DE LEITURA

Do mesmo autor

A colina sagrada. São Paulo: Quinteto Editorial (em parceria com Álvaro Cardoso Gomes).

Da mesma série

Da cor da esperança – A libertação dos escravos, de Márcia Abreu. São Paulo: Moderna.

Um grito de liberdade – A saga de Zumbi dos Palmares, de Álvaro Cardoso Gomes e Rafael Lopes de Sousa. São Paulo: Moderna.

A Nova Terra – A chegada dos portugueses ao Brasil, de Álvaro Cardoso Gomes. São Paulo: Moderna.

Do mesmo gênero

As aventuras de Hans Staden, de Monteiro Lobato. São Paulo: Editora Globo.

Fragosas brenhas do mataréu, de Ricardo Azevedo. São Paulo: Ática.

As batalhas do castelo, de Domingos Pellegrini. São Paulo: Moderna.

Vango – Entre o céu e a terra, de Timothee de Fombelle. São Paulo: Melhoramentos.